

Os caminhos do problema p.4

Rito de passagem p.6

Vamos conversar? p.8

A partícula deusa p.12

10 anos de sucesso

O Musical dos Musicais
celebra não só uma década
de espetáculos, como
também parte importante
da história do Sabin. p.10



5 anos de AB Sabin: voando alto

Em março de 2009, tive a oportunidade de ocupar este espaço no MAIS para falar sobre um colégio inaugurado havia menos de um ano, em outubro de 2008. Naquela ocasião, escrevi: “O AB Sabin alçou voo”. Hoje, no aniversário de cinco anos do AB Sabin, posso afirmar com orgulho que não apenas nos mantemos firmes no ar como já somos capazes de voos mais ousados quando necessário.

À época da sua inauguração, o objetivo principal do AB Sabin era ser uma extensão da Educação Infantil do Sabin, com uma estrutura exclusiva para atender a alunos dessa faixa etária. Nossa meta era fazer com que, quando chegasse o momento de mudarem de escola, nossas crianças iniciassem o 1º ano do Fundamental do Sabin com o mesmo nível de desenvolvimento dos colegas que já estudavam ali. Um grande desafio para qualquer colégio principiante, mas tínhamos a nosso favor o alinhamento entre as duas escolas. Foi para isso que eu havia passado meses de preparação no Albert Sabin, familiarizando-me com a filosofia humanista, com a proposta pedagógica e com todos os protocolos de rotina que seriam transpostos de uma escola para a outra – desde a entrada e saída dos alunos aos procedimentos de primeiros socorros, do transporte das crianças (feito pela mesma empresa) às refeições servidas aos alunos do período integral (o mesmo cardápio preparado no restaurante do Sabin e levado diariamente ao AB Sabin).

Também nossas professoras passaram por um período de imersão no Sabin para assimilarem o plano pedagógico e a metodologia a serem aplicados na nova escola. Se tivemos a preparação necessária desde o início, em grande parte isso se deve ao suporte que tivemos do Sabin.

Mas é preciso também dar o crédito devido aos pais dos nossos alunos e à própria equipe do AB Sabin. Do nosso corpo docente, um time extremamente capacitado – cada sala de aula é atendida por uma professora com Pós-Graduação e uma auxiliar estudante de Pedagogia (além de uma babá, no caso do Maternal 1) –, posso dizer que todas “vestem a camisa”. São elas que constroem o AB Sabin, trabalhando em harmonia de princípios e propósitos e participando de todas as decisões pedagógicas importantes.

Dos nossos pais – 90% dos quais se disseram entre satisfeitos e muito satisfeitos com o Colégio, em pesquisa de julho deste ano – só posso dizer que a confiança inicial que depositaram em nós e o investimento que fazem até hoje nos permitiram chegar até aqui. Se, antes, a escolha pelo AB Sabin se dava com uma ponta natural de dúvida – “será que vai ser igual ao Sabin?” –, hoje, vejo os pais perceberem o AB não como uma extensão do Sabin, mas como uma escola irmã, que atende plenamente às necessidades de desenvolvimento de seus filhos, em um ambiente rico e acolhedor.

Aos nossos pais e às nossas professoras, nós copilotos nesse voo maravilhoso há cinco anos, muito obrigada!



Monica Mazzo
Diretora do AB Sabin
mmazzo@absabin.com.br

APRENDENDO PELO EXEMPLO



Deile Donizete dos Santos não escolheu trabalhar com Educação. Segundo ela, foi a Educação que a escolheu. “É preciso amar de verdade o caminho da docência, é preciso muita paciência e atenção, porque você lida com a formação humana”, diz Deile, que está encerrando seu estágio de dois anos no Sabin. Voltado para estudantes de Pedagogia (como Deile, que acaba de se formar e está iniciando Pós-Graduação em Educação Infantil) e de Educação Física,

o **Programa de Estágio Sabin** oferece aos estagiários, além de uma bolsa, benefícios como auxílio-transporte, alimentação no restaurante do Colégio e curso de Inglês. Além, é claro, do aprendizado que recebem ao acompanhar e auxiliar os professores regentes na organização das salas, ambientes e materiais didáticos e no atendimento aos alunos. “O que mais me chama atenção é a ética da escola e das professoras”, diz Deile. “Você aprende muito pelo exemplo que elas dão.”

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima Direção: Giselle Magnossão Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Aurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira, Laura Tavares Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTB 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografia: Divulgação Sabin, Júlia Salles, Paulo Barcelos Revisão: Adriana Duarte, Angela Maria Folloni de Souza Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baratuna Comunicação – Tiragem de 5.000 exemplares – Distribuição gratuita – Novembro de 2013

O que o esporte me ensinou

Campeã mundial pela Seleção Brasileira de Basquete, *Magic Paula* divide lições de vida adquiridas nas quadras.

Por questões pessoais, **Maria Paula Gonçalves da Silva** – a campeã mundial pela Seleção Brasileira de Basquete, mais conhecida pelo apelido que ganhou nas quadras, **MAGIC PAULA** – não pôde vir ao Sabin no dia 24 de outubro. A atleta havia agendado a apresentação de uma palestra para pais, colaboradores e convidados sobre desafios e trabalho em equipe. Em seu lugar, outro campeão mundial, o ex-jogador de futebol e empresário **Rai**, preencheu à altura a programação da noite, com uma palestra intitulada “O Benefício Individual dentro do Coletivo”. *Magic Paula*, no entanto, tem muito a contribuir e felizmente pôde conceder ao MAIS uma entrevista exclusiva sobre desafios, superação e trabalho em equipe. Aposentada como atleta, dedica-se hoje ao Instituto Passe de Mágica, ONG que desenvolve atividades esportivas para dar oportunidades de um futuro melhor a crianças e a adolescentes em vulnerabilidade social. “Com disciplina, talento e amor ao que se faz, basta ter uma chance”, afirma a atleta, que faz questão de ressaltar, porém, não estar se referindo à sorte: “Não existe sorte, existe oportunidade”.



a conviver com o ganhar e o perder, valores que carrego até hoje. O único problema do esporte é que ele é uma profissão ingrata. Quando todos estão no auge da carreira, por volta dos 30 anos, nós precisamos parar, porque ele exige muito física e mentalmente.

De que maneira os pais podem ajudar os filhos a serem bem-sucedidos nos projetos de vida?

Meus pais foram as pessoas mais importantes da minha vida, principalmente no começo da carreira. O apoio deles é fundamental. É necessário, entretanto, ficar atento à profissionalização precoce.

Existe hora de cobrar e de exigir, mas também de brincar e de ser criança. Sem perceber, muitos pais transferem o sonho de serem atletas, por exemplo, para os filhos, fazendo com que eles pulem etapas importantes da vida.

Em nove anos do Instituto Passe de Mágica, o que mais a marcou?

Nosso trabalho é, principalmente, de desenvolvimento humano. Trabalhamos com 780 jovens e temos por objetivo agregar valores para a vida deles através do esporte. Contamos nos dedos os que tiveram a oportunidade de serem medalhistas olímpicos, campeões mundiais ou vencedores de um Pan-americano. Já temos, porém, a sensação de missão cumprida, quando vemos crianças que começaram conosco aos 7 anos, permaneceram até os 15 e voltaram anos depois para nos contar que estão trabalhando e que têm planos para o futuro.

Qual é a mensagem principal que você busca deixar em suas palestras?

A mensagem principal é a de que, às vezes, não alcançamos o sucesso porque competimos internamente. Precisamos prestar atenção no papel de cada indivíduo ao longo do processo. Isso torna tudo mais fácil. Quando conseguimos deixar ego, vaidade e tantas outras características inerentes ao ser humano para trás, conseguimos fazer um bom trabalho. O papel individual é importante, mas não pode se sobrepor ao coletivo.

Como devemos encarar os desafios que se interpõem na busca pelos nossos sonhos?

Eles devem nos motivar. Embora nem sempre seja possível prever os desafios que um novo investimento vá gerar, devemos tentar nos manter equilibrados para encará-los da melhor maneira. Com o tempo, você descobre quais são seus limites e até aonde está disposto a ir. Devemos entender, acima de tudo, que a motivação não depende do outro, ela vem de dentro da gente.

O esporte pode ser um aliado para aprendermos a ganhar e a perder nos outros aspectos da vida?

Sim, principalmente o esporte coletivo. Quando comecei a jogar basquete, agreguei inúmeros valores sem perceber. Aprendi questões de hierarquia, de disciplina e de regras e

Os caminhos do problema

Como os alunos do Fundamental I recorrem à criatividade e ao raciocínio, e não à memória, para resolver problemas de Matemática.

João Lucas, 9 anos, descobriu uma maneira de resolver rapidamente os problemas do seu livro de Matemática. Preste atenção aos números que aparecem no enunciado: doze maçãs, quatro tangerinas, oito amigos. Procure palavras-chave que indiquem qual operação será necessária: “Eles querem *dividir*...” O capítulo do livro também pode servir de pista: *Frações*. O enunciado acrescenta detalhes sobre os amigos e a situação em que se encontram, mas João Lucas não precisa ler mais nada para acertar a resposta: uma maçã e meia (1 e 1/2) e meia tangerina (1/2) para cada um.

A estratégia usada por João Lucas funciona. O único problema é o problema em si. “Um problema é aquilo que você precisa resolver, mas a princípio não sabe como. Você tem de achar um jeito de descobrir. Se você já sabe exatamente o que fazer, não é mais um problema, é um exercício”, diz Maria Teresa Mastroianni, assessora de Matemática para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I. João Lucas é um aluno fictício, mas seu exemplo ilustra uma situação real e comum nas salas de aula, nas quais o ensino de Matemática ajuda o aluno a preencher seu livro didático e algumas provas, mas não muito mais do que isso. Afinal, quantos problemas na vida – matemáticos ou não – seguem uma estrutura



Alunos comparam estratégias de resolução de problemas: o processo é mais importante que a resposta.



que os torna fáceis de solucionar com apenas alguns truques?

Nas aulas de Matemática do 1º ao 5º ano do Sabin, esse tipo de situação deixou de ser regra há muito tempo. Tendo como um dos principais objetivos o ensino da resolução de problemas – entendida como uma competência muito mais ampla do que exercitar contas de “mais” ou de “vezes” –, o programa de Matemática do Fundamental I trabalha sistematicamente algumas categorias de problemas que motivam o aluno a abordar a tarefa com mais atenção, criatividade e raciocínio.

“O problema convencional é baseado em algumas crenças que queremos quebrar”, diz Maria Teresa. “Como a crença de que todos os dados contidos no enunciado são úteis para a resolução. Ou a de que palavras-chave dão pistas de qual algoritmo o aluno deve usar. Ou mesmo a de que só existe uma única resposta certa.”

Veja-se o seguinte problema passado para a turma do 1º ano. Junto à ilustração de um grupo de crianças em visita ao zoológico, surpresas por encontrar a jaula do leão aberta, duas perguntas são feitas: “O que aconteceu? O que você faria se estivesse no zoológico?” Não se trata, é claro, de questões matemáticas. Mas, diante dessa situação hipotética, os alunos começam a se familiarizar com um gênero de texto que tem como principal característica desafiar os a encontrar uma solução. Para isso, precisarão examinar os dados que têm à mão, verificar em seu próprio repertório de conhecimentos se há algo pertinente ao caso, conceber uma resposta e – passo importantíssimo – compará-la com a dos colegas. O mesmo procedimento, aplicado a um problema realmente matemático, mais adiante, revela-se muito mais fecundo do que a repetição mecânica de operações.

“Exercícios de fixação e de memorização cumprem um papel importante. Mas a resolução de problemas é outra coisa: o foco está no processo para se chegar à solução, e não na solução em si”, diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Por isso, especial ênfase é dada ao registro das estratégias que cada aluno usou para chegar à sua conclusão. “Costumamos montar um painel com todas as respostas para que possam avaliar os diferentes caminhos que os colegas tomaram”, diz Maria Teresa.

Ela mostra um problema passado ao 2º ano, que pergunta quantas patas de bicho existem em um quintal com três coelhos e quatro galinhas. Enquanto um aluno desenha coelho por coelho e galinha por galinha para contar cada pata individualmente, outro já prefere multiplicar o número de coelhos por quatro e o de galinhas por dois, somando os resultados. Ambos chegam à resposta correta, não porque decoraram “como é que se faz”, mas porque dedicaram um tempo ao problema, elaboraram uma estratégia de resolução e a puseram em prática. (Idealmente, ao compará-las, o primeiro aluno perceberá que a estratégia do outro é mais eficaz.)

À medida que avançam nos anos iniciais, os alunos passam a lidar com desafios matemáticos mais complexos, como problemas com excesso de dados (é preciso compreender o enunciado para se decidir quais são relevantes) ou falta de dados (é preciso inferir o dado ausente a partir dos demais), problemas-teste (no formato múltipla escolha), entre outros. “Queremos que o aluno leia o enunciado até o fim, tente compreendê-lo, formule estratégias”, diz Dionéia. “Isso se reflete não só nos vestibulares, mas na vida toda.”



NOITES DE VITÓRIA

Na imensa lista de aventuras que a vida oferece às crianças de seis anos, dormir fora de casa é uma das mais desafiantes. No Sabin, a ocasião é marcada por um evento especial: a **Noite do Pijama**. Segundo a coordenadora Dionéia Menin, o projeto reflete a atenção que o Sabin dá à construção da autonomia da criança. “É uma oportunidade que damos aos alunos dos 1ºs anos de experimentarem dormir longe dos pais – para a maioria, a primeira vez – num ambiente seguro, acompanhados das professoras”, diz Dionéia. “Criamos um clima descontraído, distribuimos lanternas e andamos pelo Colégio às escuras, como numa aventura, jantamos e dormimos todos juntos. É normal que fiquem receosos, mas, no dia seguinte, o sentimento é de vitória pessoal.” Vencido o primeiro desafio, Dionéia explica que a viagem dos 3ºs anos à República Lago, espaço de lazer no interior de São Paulo, é um segundo passo no caminho para a autonomia: significa dormir longe dos pais e em um ambiente desconhecido. “É uma experiência nova, de integração com amigos de mesma idade, num lugar próximo da natureza, distante da cidade – mas sempre com uma professora por perto, como referência de segurança.”



Rito de passagem

A tradicional despedida dos 9^{os} anos, em Bonito, é marcada por união, descontração, diversão – e emoção à flor da pele.

“Por que a gente se esquece?”, pergunta para si mesma a aluna Yasmin Calbo de Medeiros. É uma dúvida que muitos já tiveram antes dela, essa angústia fundamental do ser humano, a clareza, em certo ponto da vida, de que a vida é transitória. Aos 14 anos, prestes a concluir o Ensino Fundamental, ela está preocupada com os amigos de quem terá de se afastar. De quem ela teme se esquecer. “Tenho uma amiga desde os três anos de idade. No meio deste ano, ela foi embora do Sabin. A gente ainda está se falando, mas não é do mesmo jeito.” Yasmin sabe que haverá outros casos de amigos dos quais terá

de se separar nos próximos anos, por diversas razões. Como aluna de Teatro do Sabin, ela convive com alunos mais velhos, concluintes que a acolheram no grupo e que estão partindo. Logo, ela também terá de se despedir do Colégio onde estuda desde muito cedo.

A mesma inquietação de Yasmin é compartilhada por seus colegas. É natural. A passagem para o Ensino Médio vem não apenas com mais responsabilidades e com um ritmo mais intenso de estudos, mas com a sensação de que a infância fica definitivamente para trás. É um momento carregado de significados e de sentimen-

tos – e em nenhuma outra semana do ano eles ficam mais evidentes do que na tradicional despedida dos 9^{os} anos, em Bonito, no Mato Grosso do Sul. Uma semana de união, de descontração e de diversão, mas também de emoção à flor da pele. “Para muitos, é quando vem a consciência do momento da ruptura; da passagem de uma fase para outra”, diz Laércio Carner, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II. “Eles não estão se despedindo apenas do 9^o ano, de professores e de colegas. De certa forma, estão se despedindo de si mesmos.”

Neste ano, a viagem a Bonito aconteceu entre 7 e 11 de outubro. Um grupo de 102 alunos viajou acompanhado de Laércio e dos professores Dalson Graça, de Matemática, Roseana Reis e Falcon, de Educação Física. Foram quatro dias e quatro noites de programação intensa, que incluiu mergulhos em lagoas dentro de cavernas, banhos de cachoeira, visita a áreas de preservação permanente, festas e muitas outras atividades recreativas e pedagógicas no hotel.

Foi também uma semana de descobertas e de novas amizades, uma oportunidade de enxergar colegas e professores não pelos rótulos da convivência diária, mas como iguais. “União”, diz **Aline Amorim de Assis**, do 9^o ano D, sobre o clima da viagem. “Todos se ajudam. Todos se misturam.” Colega de turma de Aline, **Sabrina Gonçalves Sylvestre** acrescenta: “No dia a dia, a gente não conhece todo mundo direito. A gente sabe se fulano é inteligente ou não, mas só. Lá, você se aproxima de gente de quem nunca imaginaria se aproximar”.

“Com os professores, é a mesma coisa”, diz **Mariana Sanfilippo**, do 9^o ano C. “É como se eles deixassem de ser professores. Você percebe que eles estão com a gente, se importando, brincando junto. Até o Laércio participou bastante das atividades!”

Mariana completa dizendo que “todo mundo vira criança”, mas talvez a verdade seja que diferenças de idade, de temperamento e de estilo tenham começado a perder a importância, porque elas próprias estejam crescendo.

E crescimento não vem sem angústias. “Dá medo”, diz Aline, sobre a conclusão do Ensino Fundamental. Yasmin, Sabrina e Mariana concordam. “Quando você passa do 5^o ano para o 6^o, também sente medo, mas não sabe de nada, ainda é uma criança. Mas agora nós temos 14 anos!”, diz Mariana. “Você já sabe que, se não estudar, não vai para uma universidade boa, e aí não vai conseguir um emprego bom...”, reflete a menina – que afirma, porém, estar mais preocupada em seguir carreira que a faça feliz do que nas implicações financeiras de sua escolha. Yasmin diz se preocupar com a redução dos horários livres. “Entramos na reta final, temos de pensar no futuro. Estamos a um metro de distância do chão”, diz.

Por tudo isso, a importância do que viveram em Bonito é tão clara para as meninas. Por uma semana, elas puderam ignorar os medos e angústias e ter “um momento só nosso”, como coloca Sabrina, que lembra, com carinho, do luau na última noite da viagem, quando Dalson – não mais o “professor Dalson”, apenas um amigo mais velho – sacou do violão e cantou versos conhecidos que, ali, ganhavam uma carga extra de significados. *Mudaram as estações, nada mudou. Mas eu sei que alguma coisa aconteceu. Tá tudo assim tão diferente... Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o “pra sempre” sempre acaba?* “Foi perfeito. Foi maravilhoso”, diz Sabrina.

E assim, sem pensar muito no caminho adiante – no que irão encontrar e no que irão deixar para trás –, elas deram o primeiro passo.



LONDRES NA SALA DE AULA

Durante as férias, a professora de Inglês **Fabiane Tossi** uniu o útil (um curso de reciclagem) ao agradável (em Londres). Oferecido pela International House, escola de Inglês que dá atividades de formação para docentes, o curso *Bringing British Culture into the Classroom* (“levando a cultura britânica à sala de aula”), apresenta particularidades culturais que não se aprendem nos livros, mas no dia a dia londrino, como as rixas entre o Sul e o Norte de Londres, o vocabulário dos *pubs*, costumes e hábitos locais. “Você ensina com mais propriedade quando sabe o que está falando”, diz Fabiane. Além de passeios de bicicleta e visitas a pontos turísticos, o curso trouxe uma oportunidade: “Conhecemos um pesquisador que está desenvolvendo um aplicativo para o ensino do Inglês com base em músicas pop atuais: Coldplay, Black Eyed Peas, Beyoncé... Ele quer nossa ajuda na aplicação de um questionário com alunos em diversas partes do mundo para medir o nível de dificuldade de compreensão de várias músicas”. Fabiane apresentou o questionário aos seus alunos, acreditando que, com isso, contribuiu para uma ferramenta que pode ser bastante útil: “Trabalhamos com muitas músicas, aqui no Sabin. Um aplicativo desses pode servir fora da sala de aula, criando exercícios que o aluno resolve sozinho.”

Vamos conversar?

O **MAIS** convida alunos da 3ª série do Médio para debater temas que dividem opiniões do país.

Vinicius Ferreira concorda com Roberto Carlos. Ou, pelo menos, concordava, até o cantor voltar atrás e admitir – com um ambíguo “vamos conversar” – a hipótese de mudanças na lei que proíbe a publicação de biografias não autorizadas. Tanto para Vinicius, como para a colega **Ester Ohl**, é justo dar ao artista a prerrogativa de autorizar ou não o que se publica sobre sua vida. Já **Juliana Yumi** reflete que, “se você é um artista, sua vida se torna pública”, acrescentando ser a favor de que se puna o biógrafo, em caso de difamação, depois de publicado o livro, nunca antes. Ao que **Victor Liu** indaga: “Mas será que punir depois é efetivo?”

Vinicius, Ester, Juliana e Victor são alunos da 3ª série do Ensino Médio. Numa tarde de outubro, o **MAIS** reuniu-se com eles e mais seis colegas durante uma aula de Redação do professor Rodrigo Ennes da Cunha para ouvir suas opiniões sobre alguns dos assuntos mais comentados da atualidade, como a polêmica das biografias, as manifestações populares iniciadas em junho e julho, o programa do Governo Federal Mais Médicos, sustentabilidade e aquecimento global, entre outros. A ideia era sentir, ainda que de maneira informal e num grupo pequeno, o que pensam os alunos concluintes do Sabin sobre temas que o país vem debatendo. Que essa conversa tenha ocorrido durante uma aula de Redação é apro-

priado: às vésperas do vestibular, é provável que os alunos de Rodrigo precisem opinar sobre alguns desses mesmos temas – e defender suas ideias – nas redações que têm pela frente.

“Um dos nossos desafios é ajudá-los a fugir do senso comum”, diz Rodrigo sobre a construção de argumentação envolvida numa redação. “Quando pensamos em assuntos mais polêmicos, cada aluno já chega à 3ª série conhecendo a maioria dos argumentos de ambos os lados; mas não basta reciclar argumentos batidos, é preciso refletir de maneira neutra e formar opinião própria para desenvolver uma tese original.”

Não é tarefa simples para ninguém, principalmente numa época em que a velocidade com que os debates se sucedem nas redes sociais – a fonte de informação mais citada entre os alunos – parece favorecer mais um duelo de extremos do que reflexões ponderadas. Resgate de animais ou crime contra a Ciência? Vandalismo ou desobediência civil legítima? Censura ou invasão de privacidade? Entre o preto e o branco da internet, um *like* é o bastante para se tomar partido. Diga-me o que “curtes”, que eu te direi quem és.

“Talvez a enorme oferta de espaço de expressão na internet gere um movimento impulsivo”, considera Rodrigo. “Na maioria das vezes, não há debate de verdade, muito menos reflexão. É só um amontoado de opiniões.” O professor lembra

que, embora redações de vestibulares (ou de Enem) costumem exigir do aluno uma tomada de posição, isso não significa ter de adotar uma posição incisiva e radical. “É possível analisar a conduta dos protestos populares, por exemplo, sem se declarar absolutamente contra ou a favor deles.”

Foi o que fizeram os alunos durante a conversa com o **MAIS**. **Henrique Meng** aponta vitórias nas manifestações. “Eles conseguiram a pauta inicial do passe livre e ‘engavetaram’ a PEC 37”, diz, referindo-se à Proposta de Emenda Constitucional que, se aprovada, retiraria poderes de investigação do Ministério Público. Para **Giovana Bechara**, as manifestações tiveram “um começo interessante”, indicando discordar de rumos tomados mais adiante. Vinicius Ferreira parece concordar, apontando a incongruência na diversidade de bandeiras levantadas: “O problema é quando as pautas começam a ficar estapafúrdias, como volta da ditadura ao lado de legalização da maconha”.

É quando alguém lembra dos médicos cubanos. Juliana Yumi se pergunta se o Mais Médicos, do Governo Federal, não teria servido para amenizar os protestos populares, ocasião em que foi anunciado. “Foi uma ‘jogada’. Sem infraestrutura [nas cidades em que os cubanos irão clinicar], não adianta nada”, diz a menina, que faz a ressalva, porém: “Não dá para transferir a culpa para os médicos”.

Henrique Meng não vê razões para se opor à medida: “Por que não ocupar as vagas que ninguém queria?”

A conversa prossegue. Se a internet pode alimentar opiniões superficiais, pode também servir de fonte de informação – o melhor insumo para discussões mais ricas. Os alunos falavam de uma sociedade “ainda machista, mas que havia melhorado muito”. É quando Ester Ohl cita **pesquisa de um site feminista**, segundo a qual 99,6% das mulheres entrevistadas já haviam sido assediadas. “Fiquei abismada!”, diz Ester. “Alguns relatos eram bem pesados, coisa de filme”, emenda Vinicius. Henrique tem uma explicação para a surpresa dos colegas: “Vivemos num círculo privilegiado”. No entanto, pondera Giovana, “é hipocrisia dizer que não somos machistas também”. Segundo Victor Liu, “no nosso contexto cultural, ainda predomina o homem julgar uma mulher pela roupa que ela usa”. Ele não se exime da acusação: “A gente não acha legal a mulher ficar ‘se expondo’ na balada, não precisa”. Ester define: “Quando mulheres vestem algo para se sentir bem, são julgadas. Homens, não”.

Os alunos conversam por cerca de uma hora. Em quase todos os temas, manifestam-se divergências, opiniões são ouvidas, retrucadas, consideradas. Ao final, a satisfação do grupo deve-se não à vitória desta ou daquela tese, mas ao elemento essencial em qualquer circunstância: o diálogo.

Quer saber mais? Visite: <http://thinkolga.com/2013/09/09/chega-de-fiu-fiu-resultado-da-pesquisa/>



MOVIDOS À CONSCIÊNCIA AMBIENTAL

Foram meses de dedicação até que os 30 projetos aprovados estivessem prontos para exibição na Mostra Cultural Sabin, realizada em 5 de outubro. Foram semanas de expectativa até que a Comissão Organizadora chegasse a um consenso. Afinal, o dia da cerimônia de entrega do Prêmio ConsCiência Sabin chegou. Cinco alunos, responsáveis pelo trabalho “Obtenção de Etanol e Biodiesel a partir de Fontes Alternativas”, foram eleitos vencedores do

ConsCiência Sabin - I Prêmio Pré-Inicição Científica: Daniel Cozzubo, Eric Torigoe, Gabriel da Silva, Paulo Victor Santos e Tissiane Lopes. Apesar de não terem esperado a vitória, o grupo revela ter adquirido bastante confiança após constatar o número de pessoas interessadas no assunto no dia da Mostra. “Adultos, jovens e crianças ouviam a explicação, perguntavam e até retornavam ao *stand* horas depois”, diz Daniel. Ele e seus colegas pretendem dar continuidade ao projeto e recomendam o site <http://holandaedutec.wix.com/biocombustiveis> aos que desejem acompanhar os próximos passos da equipe.

10 anos de sucesso

O Musical dos Musicais celebra não só uma década de espetáculos, como também parte importante da história do Sabin.

“Vocês conseguem fazer?”, perguntou o diretor do Colégio Albert Sabin, Carlos Dorlass, a uma equipe formada por professores de Teatro, Música, Artes e Educação Física. A pergunta era um desafio. A ideia – audaciosa, extravagante, arriscada – já havia sido abraçada por todos. Restava saber se a equipe era capaz de levá-la adiante. De reunir, ensaiar e reger mais de uma centena de alunos, entre atores (Teatro), cantores (Coral) e dançarinos (Ginástica), num grande espetáculo musical de fim de ano. O ano era 2004.

Corta para o presente. O musical de fim de ano do Sabin chega à sua 10ª edição como um sucesso inquestionável. À frente do espetáculo, o professor de Teatro Ricardo Sonzin Jr. relembra essa história como uma de superação constante. “Todos os anos, o que mais escuto é: ‘Se vocês fizeram isso neste ano, o que vão inventar para o ano que vem?’”, diz Ricardo. “E o grupo sempre surpreende.”

Mas o ano de 2013 talvez tenha reservado a maior surpresa de todas. Depois de nove anos encenando musicais consagrados, o grupo de Teatro do Sabin escolheu marcar uma década de musical não com um espetáculo inteiramente novo, mas com uma retrospectiva de todos os anteriores. **O Musical dos Musicais**, que estreou dia 22 de no-

vembro, foi uma celebração não só da história do evento, mas também de parte importante da história do Sabin. Uma homenagem a todos os que já passaram pelo palco do Anfiteatro Picasso, aos que estão nele hoje e, de certa forma, aos que ainda vão fazer parte dessa trajetória iniciada lá atrás, com um desafio: “Vocês conseguem fazer?”

“Foi arrebatador”, diz Ricardo sobre *O Rei Leão*, primeiro musical do Sabin. “*O Rei Leão* é insuperável. Não plasticamente, mas emocionalmente”, diz o professor, acrescentando que a essência do que viria a significar o espetáculo já estava ali, desde o início.

O sucesso abriu caminho para uma tradição que foi se aperfeiçoando ano a ano. Segundo Ricardo, porém, há três “saltos gigantes” de qualidade na história do Musical. O primeiro, em 2009, foi na peça *O Adorável Avarento*. “Foi quando a professora Elaine [Giacomelli, de Música] deu ao espetáculo uma ‘cara’ de musical de verdade”, diz ele. Até então, as funções de atores e cantores eram marcadamente distintas – as cenas eram intercaladas com a participação dos alunos do Coral. Naquele ano, entretanto, alguns atores também passaram a cantar, enquanto o Coral

se tornava “mais teatral”, como explica **Catarina Marcato**, membro do Coral e aluna da 2ª série C do Ensino Médio: “Antes, a gente cantava em uma só voz [em um só tom]. Ali começamos a trabalhar mais vozes [hoje são quatro] e a interpretar as músicas com personalidades diferentes, a usar figurinos, a compor cenários.”

A mudança solidificou o sentimento de coletividade. “A partir do *Avarento*, o Musical passou a ser um grupo de verdade”, diz **Mariana Amaral**, da 2ª C. Para **Guilherme Weffort**, da 2ª A, essa característica é o que o Musical tem de melhor: “Na coxia do teatro, todo mundo se ajuda: a se arrumar, a pegar o adereço certo, a dar força para o colega na hora de entrar em cena.”

Em 2010, *A Bela e a Fera* trouxe outro grande avanço: pela primeira vez, a peça era 100% musical. Diálogos (cantados) e números musicais fundiam-se com fluidez, aumentando o nível de profissionalismo do elenco, que precisava acertar as marcações exatas do roteiro, os momentos em que o *playback* aumentaria de volume para dar início a uma canção. “Atingimos uma qualidade até então inédita”, lembra Ricardo. Finalmente, em 2012, *A Princesa e o Sapo* marca o fim do *playback*: todo o elenco canta ao vivo, acompanhado por uma banda de jazz. Alunos do Coral são convidados para interpretar papéis individuais. Os números de dança ficam mais complexos, aumentando a importância do grupo de Ginástica no espetáculo. “Hoje, temos cerca de 90 alunos, entre Teatro, Coral e Dança”, diz Ricardo. “Mas não dá para dividi-los assim, a maioria transita entre um grupo e outro.”

Segundo o professor, a ideia de uma retrospectiva de musicais partiu de Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Sabin (ela substituiu Dorlass em 2007). Ricardo não estava convencido. “Eu me preocupei, principalmente, com os alunos do último ano. Imaginei que eles poderiam querer o ‘seu próprio musical’ de despedida.”

O direcionamento que se deu à peça tranquilizou o professor. Em primeiro lugar, *O Musical dos Musicais* foi um *espetáculo inédito*. “De cada musical passado, procuramos uma cena ou uma canção que melhor se encaixasse no novo espetáculo. Mas as cenas tinham de seguir um fio condutor e, muitas vezes, elas tiveram de ser reescritas, pelo menos em parte.” Além disso, foram criadas esquetes de transição, também inéditas, entre uma cena e outra.

Foi a relação entre presente e passado que fez a ideia de retrospectiva mostrar-se tão especial. Interpretando papéis que foram de colegas mais velhos (em vários casos, de *irmãos* mais velhos), os atores tiveram a chance de conversar com ex-alunos convidados a participar do processo. “Era muito bonito ver o orgulho deles quando descobriam que os papéis que tinham interpretado seriam homenageados por nós”, diz a aluna **Bianca Machado**, da 2ª D. “Se as histórias deles nos emocionaram e marcaram tanto, quem sabe a minha não emocione também?”, diz **Paula Coelho**, da 1ª D.

E aí está a chave: a história dos antigos alunos é a *mesma história* dos que estão hoje no palco. O Musical de Fim de Ano do Sabin, assim como o período escolar, é uma história que não se acaba. Mudam-se os atores, mas, no teatro como na vida, o show sempre continua.

10 ANOS DE SUCESSO

2004
O Rei Leão

2005
Aladim

2006
Os Saltimbancos e a Quimera da Felicidade

2007
Banzai!

2008
Peter Pan

2009
O Adorável Avarento

2010
A Bela e a Fera

2011
Hércules

2012
A Princesa e o Sapo

2013
O Musical dos Musicais



O Rei Leão, 2004.



O Adorável Avarento, 2009.



A Bela e a Fera, 2010.



A Princesa e o Sapo, 2012.





Leonardo Barreto de Oliveira Campos é aluno da 2ª série D do Ensino Médio e autor desta matéria.

A partícula deusa

Aluno entrevista físico nuclear da USP sobre a maior descoberta científica de 2012.

Segundo a revista americana *Science*, foi o maior avanço da Ciência em 2012. Depois de meio século de ter sua existência prevista em teoria, a comunidade científica conseguiu observar, na prática, o bóson de Higgs – a partícula que daria massa a todas as outras, a “partícula de Deus”, como ficou conhecida, mais por erro de tradução que por implicações religiosas (a “partícula deusa”, no sentido de “criadora”, seria mais preciso). O Nobel de Física, concedido ao britânico Peter Higgs e ao belga François Englert, proponentes da teoria, coroou a descoberta, feita no maior acelerador de partículas já construído, o Grande Colisor de Hádrons (LHC, na sigla em inglês), na Suíça. O brasileiro Alexandre Suaide fez parte desse projeto e, no dia 11 de novembro, veio ao Sabin falar sobre o assunto com os alunos da 3ª série do Ensino Médio. Antes, porém, o físico nuclear concedeu uma entrevista exclusiva ao aluno Leonardo Campos. Você confere trechos aqui.

Qual foi a descoberta de Peter Higgs?

Uma das grandes perguntas da Física nos últimos 50 anos é: de onde vem a massa das partículas? Nos anos 1960, Peter Higgs escreveu uma ideia de que [existe] um campo que permeia o universo inteiro, o “campo de Higgs”. As partículas estão sempre imersas nesse campo e podem interagir mais ou menos com ele. As que interagem mais têm mais dificuldade em se movimentar. De uma forma bem ingênua, essa dificuldade equivale à inércia, e inércia equivale à massa, ou seja, quem interage mais com o campo de Higgs tem mais massa.

E o que é o bóson de Higgs?

É a observação da existência desse campo. Por exemplo, se você der um tapa na água da piscina, vai fazer marolas. Para um físico de partículas, essas marolas são as partículas. É algo difícil de imaginar, porque foge do senso comum uma partícula [ser] uma onda; não é intuitivo, mas a natureza não precisa ser intuitiva. Então, [para observar] o bóson de Higgs, você cria uma “marola”, uma perturbação no campo de Higgs. Essa “ondinha” é o bóson.

Quais as implicações práticas dessa descoberta?

Nenhuma. Mas uma coisa que diferencia o ser humano de qualquer outro animal é o questionamento da natureza. Entender como a gente é, como é o universo. Isso fez com que a gente evoluísse e faz evoluir nossa qualidade de vida. Talvez não haja nenhum efeito prático direto, mas você acaba aprendendo um monte de coisas no caminho. Para construir o LHC, você desenvolve uma série de tecnologias que, eventualmente, vão virar produtos um dia. Por exemplo, a máquina fotográfica digital. Os sensores dessas máquinas foram desenvolvidos para medir radiação em aceleradores de partículas. Só depois alguém percebeu: “A luz é um tipo de radiação; posso usar essa mesma ideia para medir luz”. Sem essa pesquisa básica, descompromissada com o mercado, você não desenvolve tecnologia. Imagine alguém chegar na Kodak ou na Sony, nos anos 1970, com uma ideia de um sensor de radiação para você não precisar mais de filmes fotográficos, mas que levaria 30 anos para ser desenvolvido. Essas empresas não gastariam 30 anos de lucro em uma coisa que nem saberiam no que ia dar. Isso só é possível em laboratórios de pesquisa.

Isso muda o currículo do Ensino Médio?

Depende de quem dá aula. Veja só: a última grande revolução da Física foi a mecânica quântica, e isso foi no final do século XIX e início do XX. É um pouco de física nuclear, de física de partículas, de átomos e moléculas... uma série de coisas que estão aí há quase 100 anos, e, mesmo assim, ainda são poucos os colégios que trazem mecânica quântica para a sala de aula. Depende muito do professor.



Quer saber mais? Visite: <http://tinyurl.com/laxhnys>